DOI: http://doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.56197
Recebido em: 30/10/2026; aprovado para publicação em: 30/10/2026

A oração como filosofia no pensamento de Frei Catarinus van Balen

Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques, OSB-EA

Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Salesianidade pela UCBD. Especialista em Filosofia e Existência pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Licenciado em Filosofia pela UCDB. Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Atualmente é Coordenador e docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia, ambos pela UCDB. Pesquisador do Laboratório de Ética e Cuidado (LABEC) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: diferencaontologica@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4366-6596

Nota: O autor é o responsável pela revisão ortográfica e gramatical desta publicação.

Imagem 1 – Frei Tinus e Revdo. Victor Hugo



Fonte: Arquivo pessoal.

1 INTRODUÇÃO

Uma investigação a respeito de uma “Filosofia da Oração”, como propõe o religioso carmelita Catharinus van Balen (Fr. Tinus), exige, primordialmente, uma incursão na história do ser do ente que ora. O fenômeno da oração não pode ser dissociado da linguagem, que constitui o limiar fundamental entre os entes humanos e seus circundantes. Enquanto os animais se comunicam através de sons justificados pelo instinto e pela necessidade de contato imediato, o ente humano é o único que efetivamente "fala". Esta distinção aristotélica, fundamentada na observação do comportamento animal e humano no Liceu, define o homem como o ***ζῷον λόγον ἔχον*** – o ser vivo que possui o dom da palavra.

A linguagem humana transcende a mera transmissão de informações. Ela é, em sua essência, ***logos***. No pensamento grego clássico, o termo ***logos*** está intrinsecamente ligado ao verbo ***legem***, que carrega significados de colecionar, juntar, escolher, contar e ordenar. Orar, portanto, insere-se nesta capacidade misteriosa de "juntar": ver como uma realidade se conecta a outra totalmente diferente, simbolizando e pondo em ordem a experiência humana diante do mistério. Pelo ato da palavra, o ente humano ingressa em uma luz que o torna livre e criativo, permitindo que a oração seja o fôlego da alma e o canal de intimidade com a transcendência.

Neste comentário, queremos explorar um pouco das " ***Meditações para uma Filosofia da Oração***" sob a perspectiva de Frei Catarinus (Tinus) van Balen, cuja obra e pensamento sintetizam a espiritualidade carmelitana, a fenomenologia heideggeriana e uma profunda exegese joanina. A oração não é vista meramente como uma prática religiosa, mas como a estrutura fundamental do ser humano que se descobre em relação com o Absoluto.

2 GÊNESE E CONTEXTO: A VASTIDÃO DA PAISAGEM COMO EPIFANIA DO SER

A compreensão da "***Filosofia da Oração***" em Frei Catarinus van Balen é inseparável de sua experiência biográfica e do ambiente geográfico que moldou sua sensibilidade. Por essa razão, ela se constitui de uma longa ***meditatio.*** Criado no norte da Holanda, em uma região marcada por uma vasta paisagem de pastos e horizontes infinitos, a percepção do sagrado emergiu da contemplação da pequenez humana diante da vastidão. Esta experiência originária, de quem habita (pertence) àquela territorialidade, donde o silêncio do inverno e a linha do horizonte evocam a pergunta "por que eu existo?", constitui um chamamento que é, simultaneamente, religioso e filosófico. É um ***logos*** que ecoa, sustenta, e o chama a existência.

O amadurecimento desta vocação ocorreu em um ambiente social profundamente marcado pela fé e pelo respeito à tradição, mas também por um rigoroso estudo das línguas clássicas – latim e grego – que abriram as portas para a cultura antiga de Homero, Virgílio e Tácito. A formação acadêmica de Frei Tinus coincidiu com o clima intelectual das décadas de

1960 e 1970 na Europa, um período de profunda ebulição marcado pelo existencialismo de Kierkegaard e Sartre, pela psicanálise de Freud e pela rebeldia estudantil de maio de 1968.

Este contexto de "abertura das janelas" (***aggiornamento***) promovido pelo Concílio Vaticano II permitiu que a espiritualidade carmelitana dialogasse com a modernidade, buscando as fontes originais nos Padres da Igreja e na exegese bíblica contemporânea. Frei Tinus relata que sua mentalidade filosófica, como seria de se esperar, surgiu ainda na infância, na escola primária, ao ***admirar*** o mistério da vida naquele ambiente de vastidão. O espanto (***θαυμάζειν***) sempre foi considerado tanto a origem da filosofia como da curiosidade pueril. Como ele mesmo afirma, a verdadeira filosofia não se interessa apenas por coisas racionais, mas pelo mistério que surge no coração de uma criança sensível. Essa "pequena criança" que pergunta "de onde vim?" e "para onde vou?" já está realizando um ato filosófico, que mais tarde se expressará na oração contemplativa.

3 A METAFÍSICA DA LINGUAGEM: O DOM DA PALAVRA E O CONCEITO DE *LEGEM*

A meditação sobre a filosofia da oração pressupõe uma análise rigorosa do que significa falar e pensar. A partir do verbo grego ***legem***, identifica-se que o ser humano opera uma ordenação do cosmos através da palavra. A linguagem não é um instrumento neutro, mas o próprio lugar onde a verdade se manifesta. Esta inversão, intitulada pelos analíticos de ***linguistic turn***, é substancial para o entendimento de como a oração deve ser inserida no seio filosófico.

Aristóteles, ao observar os animais em seu jardim zoológico no Liceu, percebeu que, embora os animais possuam vozes (***phoné***), apenas o homem possui o ***logos***.

O comportamento animal é dirigido pelo instinto; suas construções, como ninhos e teias, permanecem idênticas ao longo dos milênios. Em contraste, as construções humanas – tanto físicas quanto linguísticas – testemunham uma imensa variação e engenhosidade que mudam com o tempo, revelando a marca da liberdade. ***Logos***, portanto, não é sinônimo de capacidade de transmissão ou ordenamento padronizado de signos. Mais do

que isso, ***logos*** é uma ação, um imperativo que permite não só falar, como também criar: "E Deus ***disse***, faça-se...".

4 AS DIMENSÕES DO VERBO *LEGEM*

O termo ***legem,*** em uma leitura ampla***,*** é polissêmico e oferece as bases para entender a oração como um ato de organização do ser diante do Criador. ***Legem*** pode se dar como "**colecionar" ou "ajuntar**"; por sua vez, a oração reúne os fragmentos da existência dispersa em uma unidade de sentido diante de Deus. Ele também se dá como "**escolher" ou "contar**", o que implica que orar exige o discernimento e a eleição das palavras que traduzem a verdade interior. ***Legem*** é "**anunciar" ou "designar**", o que explica que a oração é o anúncio da soberania divina e a declaração da dependência criatural. ***Legem*** é "**ordenar**", e, por isso, orar organiza o caos das emoções e pensamentos, estabelecendo uma hierarquia de propósitos. E finalmente, ***legem*** é "**mandar**", que se converte em obediência à vontade de Deus.

Todas essas dimensões, de algum modo presentes no pensamento de nosso ilustre carmelita, revelam uma misteriosa capacidade de ***conectar*** coisas aparentemente desconexas. Significar, enquanto pôr no ***legem***, é permitir criar um campo de sentido capaz de sustentar o que por si só não seria possível. Pelo ato de falar, o ente homem ingressa na luz, tornando-se livre e criativo. Esta iluminação é o que consente ao orante exclamar, como no Salmo 8: "Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra!" (Sl 8,1). A experiência de pequenez e finitude diante do horizonte holandês encontrou no Salmo 8 sua expressão definitiva: "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos... que é o homem para que dele te lembres?" (Sl 8,3-4).

5 A INFLUÊNCIA FENOMENOLÓGICA: HEIDEGGER E A ONTOLOGIA DO HABITAR (*WOHNEN*)

A filosofia de Martin Heidegger exerce uma influência estruturante na compreensão que Frei Tinus desenvolve sobre a vida espiritual. Embora Heidegger não tenha conhecido pessoalmente Frei Tinus, seu pensamento

ecoou através de teólogos como Karl Rahner e filósofos como De Waelhens, que foram interlocutores ou influências diretas do frade carmelita.

No entanto, Heidegger não é ponto de chegada de nosso autor. Ele funciona como um acontecimento-apropriador (***Ereignis***) que se abre nas sendas do pensamento desse carmelita, concedendo-lhe entrada para uma hermenêutica filosófico-teológica que escapa ao dogmatismo, refletindo-lhe a transcendência. No encontro com o pensamento heideggeriano, Fr. Tinus abre sua própria clareira, apropria-se de uma ***linguagem poetante*** que o joga nos braços do ***Abbá*** de Jesus.

6 O CONCEITO DE *WOHNEN* (HABITAR)

Para Heidegger, "ser e morar é a mesma coisa". Em sua famosa palestra de 1951 em Darmstadt, intitulada ***Construir, Habitar, Pensar*** (***Bauen, Wohnen, Denken***) (Marques, 2018), o filósofo propõe que o ***habitar*** é a maneira fundamental como os entes humanos estão junto ao mundo. Frei Tinus transpõe essa intuição para a eclesiologia e a espiritualidade: Jesus veio ao mundo para providenciar um abrigo, uma segurança e uma fraternidade através da fundação da Igreja.

O Quarto Evangelho, como é conhecido o evangelho de São João, apresenta uma pergunta ontológica feita pelos discípulos: "Onde moras?" (Jo 1,38). Jesus responde: "Vinde e vede" (Jo 1,39). Embora o ***Prólogo*** de João seja mais filosoficamente sugestivo, é na pergunta do ordinário que o desvelamento do habitar se concretiza de modo imediato. Este "morar" de Jesus é ontológico porque é a celebração do relacionamento, da conexão. Pode-se viver em um casarão magnífico e, no entanto, não "morar", se não houver relacionamento (comunhão). O habitar é, portanto, uma realidade do coração; se o coração está em paz e em comunhão com o Outro (Deus, amigos, cônjuge), então o ente humano efetivamente mora.

A oração, nesta perspectiva, é o ato de habitar a presença de Deus. Jesus, o ***Logos*** do Pai, habita na oração, sua encarnação não significou uma separação de Deus. Pelo contrário, esta revelou sua presença no mundo. Em paralelo com a teoria heideggeriana de ***Ser e Tempo***, Jesus é o modo de ser do homem a partir do qual se abre a pergunta pelo sentido do ser. Se o homem é o pastor do ser, conforme diz Heidegger, Jesus é esse ente homem

que pastoreia junto ao ser. São Paulo reforça essa dimensão escatológica ao dizer que devemos elevar nossos pensamentos para onde Cristo está sentado à direita do Pai (Cl 3,1), pois o céu é a nossa morada definitiva, o abrigo final onde a saudade humana é saciada.

7 A CRÍTICA DA RAZÃO TÉCNICA: O REENCANTAMENTO DO MUNDO E O SAGRADO

Heidegger diagnostica que a modernidade é marcada pela "desacralização", um fenômeno em que a técnica (objetificação, manipulação e padronização dos entes) e o pensamento de cálculo dominam a relação do homem com o mundo. Nesse cenário, "os deuses fugiram" e nem eles mais podem nos salvar. No entanto, Frei Tinus observa que, para Heidegger, o "Ser" é o "Sagrado". Mesmo que o homem moderno tente controlar tudo através da essência da técnica, o sagrado nunca desaparece totalmente, porque o próprio ente humano é um mistério sagrado.

A essência da técnica radical tende a manipular a natureza e o ente humano (como na possibilidade da clonagem), o que Heidegger vê como o potencial "fim do mundo". Contra esse comportamento de controle, Fr. Tinus, ao contrário de Heidegger, propõe um novo recomeço. Não cronológico, mas kairológico. A oração – ***legem*** – propõe um comportamento de abertura, respeito e admiração. Orar é "deixar as coisas serem", respeitando o ritmo das estações, o clima e a vida, conforme defendido pelo Papa Francisco na encíclica ***Laudato si***.

O ente humano deve, portanto, distinguir entre dois comportamentos: **cálculo e controle**: necessário para a sobrevivência técnica, mas perigoso se absoluto; **abertura e respeito**: a capacidade de admirar o milagre do crescimento das plantas, da safra e da vida, agradecendo a Deus pela "casa comum". A filosofia, diferentemente da técnica, se interessa pelo mistério. E a oração é a prática desse mistério. Como observa Frei Tinus, Heidegger, no fim da vida, sentia-se mais à vontade com poetas e artistas do que com a técnica, pois a arte, assim como a oração, exige uma mentalidade de criança: ser aberto, admirar e perguntar eternamente.

8 A ESTRUTURA ONTOLÓGICA DA ORAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE INICIATIVA E RESPOSTA

A oração não é um ato isolado do ser humano, mas um sistema complexo de relacionamentos e intenções que envolvem a totalidade do ser e a própria Trindade. Segundo os diagramas da "Filosofia da Oração", o ato de orar é estruturado por dois movimentos fundamentais:

8.1 Iniciativa divina (movimento descendente)

A oração começa em Deus. É a Divindade (Pai, Filho e Espírito Santo) que se inclina para o homem. O Espírito Santo atua como o mediador interno que inspira o desejo de orar; Cristo é o caminho e o mediador oficial; e o Pai é o destino da prece. A oração é, portanto, uma participação na vida divina, um dom da graça antes de ser um esforço humano.

8.2 Resposta humana (movimento ascendente)

O homem responde a esse chamado com toda a sua integridade:

- **Coração:** A sede das emoções e do desejo sincero. Exige "nudez" espiritual e transparência.
- **Mente:** Envolve consciência, entendimento e foco reflexivo.
- **Vontade:** É a decisão e a disciplina de submeter-se ao diálogo com o Criador.

A base dessa estrutura é a **Palavra de Deus** (Escritura). Uma oração ontologicamente correta está fundamentada na Bíblia, que fornece a linguagem e as balizas para que a resposta humana esteja em conformidade com a vontade divina.

A ontologia define a oração através de quatro eixos principais: "**quem",** o sujeito humano em relação com o divino trinitário; "**como",** através de formas espontâneas, escritas, silenciosas, cantadas, individuais ou comunitárias; "**o quê",** expressando necessidades, desejos, adoração, gratidão e arrependimento; **"para quê",** com a finalidade de louvor, ação de graças, petição, intercessão e confissão. Essa prática requer uma "escuta ativa". A oração não é um monólogo; ela exige silêncio para ouvir a resposta divina que vem através da Palavra e dos sinais da vida.

A oração está ligada à base do ser: "Quem eu sou em Deus" (identidade) e "Para que fui criado" (propósito) A oração, em termos filosóficos, revela que somos criaturas dependentes, mas infinitamente amadas e afirmadas pelo Criador.

9 ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: A ORAÇÃO COMO FENÔMENO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE

Um dos pontos mais inovadores dessa meditação de Frei Tinus é a sua conexão com a teoria da afirmação na psicanálise. Ele argumenta que todo ser humano precisa ser "afirmado" em sua identidade para existir plenamente. Se não formos afirmados pelos outros – começando pelos pais na infância – não conseguimos ter a nós mesmos como um dom.

Essa afirmação gera paz, alegria e admiração. Na vida espiritual, a oração é o lugar onde Deus afirma o ser humano. Orar é colocar-se diante do Olhar que nos diz: "É bom que você exista". Quando o indivíduo encontra sua identidade nesse olhar divino, ele fica em paz e cheio de amor.

Frei Tinus critica a visão de oração como mera repetição de fórmulas (como “mil Ave Marias”) sem uma atitude espiritual profunda. A verdadeira oração é uma atitude do coração, muitas vezes inconsciente, de estar aberto à afirmação de Deus. Jesus, ao acolher as crianças (Mc 10,14), estava ensinando essa ontologia: a criança é aquela que se deixa afirmar, que não quer mandar, mas que dança, canta e admira. O adulto, muitas vezes, quer ser “dono da verdade” e manipular a religião para fins de poder, esquecendo-se da mentalidade de criança que é essencial para o Reino de Deus.

10 A HARMONIA UNIVERSAL

A oração não se restringe ao plano intelectual ou ético; ela abrange a dimensão estética do universo. Frei Tinus explora a relação entre frequências sonoras e eletromagnéticas como uma metáfora da harmonia universal. A luz e o som são vibrações. Assim como existem sete notas na escala musical (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si), existem sete cores no espectro visível (Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Anil, Violeta).

Essa analogia sugere que o universo opera sob leis matemáticas de

proporção. A cor é "música para os olhos" e a música é "cor para os ouvidos". Na celebração litúrgica, a música faz com que os homens participem da música do próprio Deus. Jesus é descrito como o "regente do coral" da Igreja, entoando um cântico especial ao ressuscitar.

Essa harmonia estética é um convite à oração. Maria, grávida e cantando o ***Magnificat***, realiza a mais bela oração da Bíblia. A oração, portanto, é sintonizar a própria vida com essa frequência divina. A "Invisibilidade" mencionada por Frei Tinus refere-se ao mistério da luz interior que ilumina o conhecimento humano, um "a-priori" que se manifesta na arte, na poesia e na grande literatura [Imagem 4]. A arte criativa consegue dar um "brilho especial" às coisas, despertando a corda que vibra no ser humano e que, na vida cotidiana, costuma estar "dormindo".

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meditações para uma Filosofia da Oração, conforme proposta por Frei Catarinus van Balen, revela que o ato de orar é a expressão máxima da dignidade humana. Ao contrário de uma técnica de súplica egoísta, a oração é um "habitar" na presença de Deus, um "juntar" dos fragmentos da vida através do Logos, e uma aceitação da "afirmação" divina que nos constitui como sujeitos.

Nesta visão, a oração é sustentada por: **conhecimento acadêmico e espiritual:** hermenêutica, exegese, história da igreja e cultura judaica fornecem o solo para uma oração que "sabe o que diz"; **sensibilidade estética**: a percepção da harmonia entre luz, música e criação; **abertura ao mistério**: o abandono da vontade de controle técnica em favor da admiração e do silêncio contemplativo.

A oração transforma o ser humano em um "ser falante" pleno, que utiliza o dom da palavra para glorificar o nome de Deus e interceder pelo próximo. No Jardim do Getsêmani, Jesus exemplifica a oração perfeita: "Abba! Ó Pai! Tudo é possível para ti; afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres" (Mc 14,36) [Imagem 2]. Essa submissão da vontade humana à divina é o ponto onde a ontologia da oração encontra sua consumação, revelando que a vida eterna consiste em conhecer o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou (Jo 17,3).

Ao final de sua vida, aos 90 anos, Frei Tinus expressa o desejo de desenvolver ainda mais essa ontologia, partindo do "Cântico dos Cânticos" (***Shir HaShirim***), o mistério do amor e do relacionamento que é a essência do próprio Deus. A oração, em última análise, é o relacionamento de amor onde o noivo (Deus) e a noiva (a alma/igreja) se encontram na celebração da vida plena.

REFERÊNCIA

MARQUES, Victor Hugo de Oliveira. Construir, habitar, pensar. *Multitemas*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 53, p. 275–94, 2018. DOI: http://doi.org/10.20435/multi.v23i53.1593